

PÓS-ESCRITO

nenhuma lição a tirar desta viagem

nenhuma impressão que caiba em livro

nenhuma anotação competente sobre minhas gavetas

nenhuma meditação sobre o cultivo de jardins

apenas esse esgotamento, esse cansaço

essa redundância de álcool e éter na varanda

onde troco a fumaça do cigarro pela vigília dos altos prédios

apenas essa repetição narcótica de tudo

definitivamente de agora em diante

comprometida com a incerteza do que experimento

SERPENTÁRIO

a serpente dos meus dedos

beija o rosto que mantendo

no sem fundo dos espelhos

onde a luta é meu desejo

a serpente dos meus dedos

cria mundos sem inícios

curvas sobre precipícios

duro pacto do difícil

a serpente dos meus dedos

no vislumbre de uma aurora

que anuncia a incerta hora

sobre si mesma se enrola

a serpente dos meus dedos
inaugura junto à vida
gritos danças alegrias
lancinantes dores frias

a serpente dos meus dedos
traz a força dos venenos
que com a noite correm lentos
e com o dia tornam denso

o meu corpo em combustão

ANACORESE

suportar a vaziez, cruzar de ponta a ponta o deserto sem termo

levando mundos supérfluos pra moldar a insensatez, o mito

do lado esquerdo, exato reverso do vago gesto, preciso nó desfeito

lado esquerdo do peito, para o acaso sempre atento, sempre aberto

sempre ao jeito de um inacabado verso, entre a violência e o esmero

entre o tabu e o desejo, que não para pra contar até dez, que não para

pra olhar de viés no intervalo vão de um mês, que só para e olha direito

de frente, duro, reto, quando é minha vez de suportar a vaziez

pés firmes no chão do universo, impresso na própria pele

TRABALHOS DO CORPO

este corpo se soletra com a arte e o engenho dos operários
seu movimento expande o espaço
preenche-o com delicadas linhas de força
dilata o olhar na jornada incerta
este corpo dança
destrói leis da física
perfura o ar-livre
às vezes carne desgovernada
às vezes traço matemático
este corpo não mais se sente
fratura-se, rompe-se, perde-se
é deixado para trás
terra-de-ninguém
caído no rastro de outro corpo
palco incompartilhável
este corpo sua
multiplica-se atroz
depois de desposar, desafiar, seduzir
e renasce – múltiplo & contraditório –
supernova explodindo em luzes
sempre longe do universo
ao rés-do-chão
bem mais próximo
mais tóxico
agora não há mais espaço
nem ar-livre
nem dança
só corpo
e tudo nele navega – elétrico
tudo nele anela – novelo

espelho do fora
diferente de si e diferente
múltiplo & contraditório
fora de tudo
como um breve sonho da matéria
involuntariamente móvel
posto pertencer sempre no azul-metálico
& atravessar desertos à seco